

O fato histórico nas peripécias do fantasma do centro histórico de Vitória, de Luiz Guilherme Santos Neves

The Historic Fact in the Adventures of the Ghost of Vitória Historic Center by Luiz Guilherme Santos Neves

Getúlio Marcos Pereira Neves*

Aproximação a Luiz Guilherme Santos Neves

Desde vestibulando fui apresentado à produção literária de Luiz Guilherme Santos Neves: naquele ano um dos livros constantes do edital de ingresso à Universidade Federal do Espírito Santo foi *A nau decapitada*, novela publicada em 1982, narrando as desventuras do presidente nomeado da província do Espírito Santo, José Joaquim Machado de Oliveira, ao vir assumir o posto em Vitória, em 1840. Concebida com base no recurso narrativo da criação

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

de personagens ficcionais sobre um fato histórico (no caso, um fato pouco conhecido da história provincial do Espírito Santo), esse primeiro encontro com a obra ficcional de Luiz Guilherme me revelava traços de sua escrita que permanecem, a meu ver, como alguns dos lineamentos fundamentais dela: o apreço pelos temas históricos e o viés irônico na abordagem de fatos e construção de personagens.

Muitos anos depois, e após muita convivência com o escritor nos salões do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) e entre as prateleiras da Livraria Logos, nos semanais encontros do “Sabalogos”, refleti brevemente sobre aspectos de sua produção ficcional em texto que acabou publicado no meu *Breves notas quase-literárias*:

Muito me agrada, entre as criações de Luiz Guilherme Santos Neves, a figura do fantasma do centro histórico de Vitória. Meu agrado, aliás, é público, tanto que no livro *Na Livraria: diversa caligrafia*, narro encontro que tive (ou imaginei ter tido) com a espectral criatura nos interiores do prédio da Livraria Logos, na Praia do Suá, onde todo sábado tinha lugar o Sabalogos, até o encerramento da loja, em fevereiro de 2015. O fantasma tem o temperamento fantasmagórico que esperamos em personagens dessa natureza – ou dessa ancheza, para nos irmos imbricando nas brumas em que se imagine interlocutor imerso num dedo de prosa com a aparição.

Com efeito, a personagem trata-se de síntese feliz das vertentes em que se subdivide a obra ficcional de Luiz Guilherme, a histórica e a fantástica. Esta última, mais contemporânea, materializa-se nos volumes *Cidadilha: crônica inverossímil de uma cidade inexistente* (2008) e *Navegação em torno da Ilha vislumbrada* (2014), que têm como inspiração remota a cidade natal do autor (sem deixar de citar *Memória das Cinzas* (2009), diálogo em prosa com os *Cantos de Fernão Ferreiro*, de Renato Pacheco).

Já na série de crônicas que tem como personagem principal o fantasma os fatos se passam com certeza em Vitória. O interesse que logo desperta vem do desencontro entre épocas históricas, que dá o tom aos diálogos entre autor e personagem. Esse desencontro se exterioriza tanto do estranhamento do interlocutor com costumes adotados pelo fantasma e que não se usam mais hoje em dia como da descrição de logradouros cujos nomes eventualmente não foram mantidos desde que a personagem verdadeiramente, digamos, viveu.

Mas o ponto de maior interesse, que é onde o autor resgata essa vertente histórica que permeia toda sua obra, são as notícias de personagens e de fatos históricos que, a par do conhecimento de Luiz Guilherme da História do Espírito Santo, refere o fantasma com a

naturalidade e o frescor de quem as conheceu e de quem esteve lá (o que, na maior parte das vezes, deve ter sido o caso).

Veiculadas na coluna "A Certos Respeitos", que o autor mantém no site Tertúlia Capixaba, do acadêmico-sabalogue Pedro J. Nunes, as historetas se sucedem e estão a merecer publicação em edição apartada - do que, aliás, já se inteirou o autor. Para nossa alegria (NEVES, 2019, p. 29-30).

Trata-se, como facilmente se constata, de apreciação preliminar, notas iniciais que ficaram à espera de desenvolvimento, direção em que agora se pretende avançar um pouco mais por meio deste texto. Assim, e tomando como ponto de partida as linhas acima, continuarei a ter em conta essa duplicidade temática identificada na obra de Luiz Guilherme Santos Neves – a temática histórica, a temática fantástica – para aprofundar a investigação no ponto em que ambas confluem, que é exatamente na série de textos sobre o fantasma do centro histórico de Vitória. Por fantástico entendo, e sem aprofundar a discussão a respeito, aquilo que não pode ser tido por corrente com base nas leis naturais, seja um lugar, um acontecimento ou uma personagem, como será o caso aqui.

Para atingir o propósito, pretendo inicialmente insistir na especulação, em forma de indagação, que formulei no texto "Que é da Literatura Capixaba?", ao "encontrar-me" com a personagem num recinto da livraria, quando então

[...] atingiu-me imediatamente um frio sepulcral, como já havia lido das crônicas de Luiz Guilherme Santos Neves; crônicas sim, porque ali estava eu prestes a comprovar que o que Luiz fazia na sua série de textos publicados no site Tertúlia Capixaba nada mais era que uma transcrição dos colóquios que mantinha com a vetusta aparição (NEVES, 2015, p. 153-160).

e que, como se vê, diz respeito ao gênero dos textos que têm como personagem central o fantasma.

Os textos de que nos ocuparemos estão publicados no formato eletrônico, hospedados no site *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*, administrado pelo escritor Pedro J. Nunes. Localizam-se, como constou, na coluna "A certos

respeitos”, assinada por Luiz Guilherme Santos Neves e que inclui, além dos textos protagonizados pelo fantasma, outros textos curtos.

Sobre o histórico e o fantástico na obra ficcional de Luiz Guilherme Santos Neves

O próprio Luiz Guilherme esclarece seu trato de fatos históricos como matéria de elaboração ficcional: citado no texto de apresentação constante da orelha de *A nau decapitada*, revela que naquela obra “predomina a ficção não obstante ter havido intencional aproveitamento de material histórico extraído a textos e documentos, inclusive na elaboração da linguagem” (SANTOS NEVES, 1982). Mesmo modo de composição de *O templo e a força* (1999), onde esclarece que o texto de que partiu para elaboração do romance, a peça teatral *Queimados: documento cênico* (1977), teve como pontos de partida “a monografia *Insurreição de Queimado*, de Afonso Cláudio (Petrópolis, 1927), alguns exemplares do *Correio da Vitória*, e correspondências do Arquivo Público Estadual” (SANTOS NEVES, 1999).

Prática, portanto, que seguia adotando, já que um ano antes, no texto de apresentação das *Crônicas da insólita fortuna* (1998), esclarecia sobre o processo composicional:

[...] para dizer alguma coisa sobre as crônicas. Que, bem examinadas, não são nada além de espumas da História, calcadas na História. Um jogo de preenchimento de vazios, obrando-se onde se calam os documentos que, no seu mutismo impecável, deixam lacunas preciosas para quem se der ao entretenimento de ocupá-las.

Para os crédulos, e para as crianças, aos quais está reservado o reino dos céus, fica, portanto, advertido que nada do que foi contado aconteceu, embora um pouco do que foi dito não deixasse de suceder, segundo andei me infomando.

E arremata: “não sou tão bom inventor que despreze um ponto de apoio” (SANTOS NEVES, 1998).

No entanto, esse último artifício utilizado pelo autor para justificar sua abordagem de fatos (ou no mínimo personagens) históricos como matéria-prima para urdidura do jogo ficcional não corresponde à realidade, uma vez que, paralelamente a essa vertente, desenvolve-se na obra de Luiz Guilherme aquela de caráter fantástico.

Assim é que, em sucinta apresentação do que o leitor teria em mãos folheando os contos reunidos em *Torre do delírio* (1992), esclarece o autor que: "Sempre me pareceu que as figuras borgeanas de *O Livro dos Seres Imaginários* fazem parte de um zodíaco fantástico. Esta a raiz do delírio que envolveu seres e signos extraordinários com personagens femininas alucinadas" (SANTOS NEVES, 1992). Borges, aliás, é objeto de admiração confessa do autor, que o homenageia num dos textos publicados na mesma coluna que hospeda os textos sobre o fantasma do centro histórico de Vitória¹.

Essa vertente, já referida acima, não será mais aprofundada neste texto, bastando para os propósitos que perseguimos fazer-se menção a ela como uma das formas de elaboração, no sentido de recurso de criação, com que trabalha o autor.

A crônica como gênero literário

Voltando à indagação transcrita acima, veiculada na afirmação sobre o gênero literário em que se externam as peripécias do fantasma, reconheça-se ser incontroverso que a tentativa de classificação em gêneros não se mostra imprescindível para a atividade de análise do texto literário: trata-se, mesmo, de

¹ Sobre essa utilização do universo borgeano na criação dos contos de *A torre do delírio* veja-se o artigo de Ester Abreu Vieira de Oliveira, "Contos de um capixaba espelhados na arte narrativa de Rubén Darío e Jorge Luiz Borges" (2005-).

providência até certo ponto ultrapassada, que não se justifica por si só. Mas sem dúvida linhas de abordagem e chaves de interpretação originais podem aflorar durante tentativa de apreensão do sentido do texto literário tendo por base um modelo esperado.

Sobre o ponto discorre Paulo Sodré, advertindo para o fato de que

[...] está ultrapassada, como se sabe, a discussão que pretenda "enquadrar", "delimitar" ou "cercar" um texto literário em categorias absolutas de gênero textual artístico. Isso não significa, contudo, que se perdeu a fun o crítica de uma leitura que objetive observar mais atentamente os textos, dando-lhes "[...] um certo marco de interpreta o assim como determina o marco de qualquer leitura" (G LOWIŃSKI, 1993, p. 109). Esse argumento cauteloso – que implica, por exemplo, a necessidade de um crítico reconhecer, antes de sua interpreta o, que determinado poema está inserido na tradi o dos festivos ditirambos e não dos festeiros epital mios, afastando-o de possíveis desinforma es e dedu es equivocadas em sua leitura –   autorizado igualmente por Thomas Kent (1985) e Mikhail Bakhtin (1997), atentos   importância do estudo do gênero na adequada interpreta o (mas não mera "cataloga o") dos textos (2020, p. 36-37).

Impõe-se, portanto, dentro da perspectiva acima e que sem dúvida se mostra adequada ao propósito deste artigo, identificar características estruturantes do gênero literário "crônica", a fim de aquilatar da sua conforma o ao formato dos textos de que nos ocupamos.

Antes de mais nada atentemos para a advertência que sobre a crônica produzida no Brasil faz Annabela Rita, para quem "a crônica contemporânea, discurso de autor, oscila entre ser predominantemente comentativa, reflexiva, e efabul ria (p. ex., no espaço brasileiro, ela assume a fei o do conto breve)" (2009). Ou seja, há aí, reconhecidamente, uma margem realmente elástica que permite ao autor estruturar formal e estilisticamente o texto, até mesmo aproximando-o do conto, sem que com isso transgrida normas que a esta altura já não se põem.

Nesse processo de aproxima o aos textos de Luiz Guilherme nos utilizaremos como referencial dos lineamentos traçados por Antonio Candido no texto "A vida

ao rés do chão” (2003). A aparentemente necessária ampliação do conceito de crônica (admitindo a advertência que nos faz Annabela Rita), a fim de permitir a sua aplicação no caso, será providenciada da comparação com outra série de textos (estes expressamente nomeados pelo autor como crônicas²), que são os constantes de *Crônicas da insólita fortuna* – como o título sinaliza, um conjunto de textos curtos, tendo como temática as vidas de personagens da História do Espírito Santo, obra publicada em 1998.

Embora voltados para o fundamento principal da análise de Antonio Candido sobre o estilo literário, esse “rés do chão”, que aponta para a despreensão *a priori* de que se reveste o gênero, outra série de observações por ele formuladas naquele artigo podem auxiliar na compreensão da estrutura dos textos de Luiz Guilherme Santos Neves.

De fato, numa apreciação sobre o desenvolvimento do gênero, Candido aduz que

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixadas a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma (2003, p. 91).

“Fato miúdo” e “toque humorístico” prestam-se para denotar, de maneira satisfatória, o enquadramento inicial de um texto numa espécie de categoria pré-concebida – a crônica - permitindo dissecar-lhe de maneira apropriada as características.

Mas devemos avançar na apreciação de Candido, que acrescenta que: “[...] deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo, para virar uma conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado

² O gênero dos textos reunidos nas *Crônicas da insólita fortuna* será discutido adiante.

qualquer seriedade no tratamento de problemas”. Para logo em seguida, e tendo como parâmetro particularmente o conjunto de textos que cuidava de introduzir, no 5.º volume da série *Para gostar de ler*, chamar atenção para o fato de que “[...] é curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando de coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (2003, p. 93-94).

Eis aí, portanto, mais um lineamento a ser considerado: a possibilidade de exploração, aparentemente despreziosa, de temática cuja profundidade em tese estaria fora das cogitações esperadas pelo leitor.

As Crônicas da insólita fortuna

Talvez fugindo um pouco desse viés, mas enquadrando-se naquele “entrar fundo” no “significado dos atos e sentimentos do homem” é que se localiza o material das *Crônicas da insólita fortuna*, essas “espumas da História”, como as definiu o autor, e por ele concebidas como se fossem contos, como que a comprovar na prática a afirmação de Annabela Rita que colhemos da citação acima.

Neste ponto convém registrar já ter a crítica estabelecido que os textos de *Crônicas da insólita fortuna* se trata de contos. Por todos, colho exemplo de Miguel Depes Tallon, que, ocupando-se de estudar o material literário utilizado por Renato Pacheco na composição de sua obra ficcional, detém-se com vagar sobre a ucronia, quando então, e abordando o recurso citado, refere a obra de que nos ocupamos:

Em 09 de outubro de 1998, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo lançou *Crônicas da Insólita Fortuna*, de Luiz Guilherme Santos Neves. As Crônicas são, em verdade, contos, no melhor estilo de Marcel Schwob, constituindo-se, por isso mesmo, na *Vidas Imaginárias* da

literatura produzida no Espírito Santo. É na literatura brasileira o mais acabado e refinado trabalho ucrônico. Como em Schwob, Luiz Guilherme Santos Neves imagina como poderiam ter sido as vidas de certas personagens históricas, brincando de refazer a própria História (2000, p. 77).

De fato, valendo-se de parcas informações históricas comprovadas, o autor compõe o caráter das personagens, desenvolvendo traços de personalidade que se tornam relevantes para o desenrolar da “trama”.

Senão, vejamos, em “Luísa Grinalda, devota de Cristo”: “Luísa tinha espírito puro e alma mística e seu sonho de menina era entrar para o convento das carmelitas descalças, amar a Cristo em plenitude espiritual e se tornar santa” (1998, p. 91), sabendo-se que D. Luísa recolheu-se, no fim da vida, ao convento de Nossa Senhora do Paraíso, de Évora. Em “Jorge de Menezes, o das Molucas”: “O temperamento turbulento de Jorge de Menezes já era conhecido em Portugal, tantas aprontara no Oriente como em Lisboa, onde chegou a ferros, trazido das Molucas” (p. 28-29), sabendo-se do entrevero do fidalgo nas Ilhas Molucas, de que era governador, sua deposição e remessa a ferros para Lisboa e seu degredo para o Espírito Santo, na expedição de Vasco Fernandes Coutinho. Em “Francisco das Vacas, gaiteiro”: “Sua gaita de fole era de papo de pelicano. Francisco aprendeu a tocar com o irmão, mais velho do que ele doze anos. O aprendizado decorreu diante das vacas minhotas da terra natal, donde lhe veio o apelido que o acompanhou a vida toda como um nome verdadeiro” (p. 58), sabendo-se da passagem pela capitania do Espírito Santo do mestre de capela que da mesma forma que pela Vila da Vitória andou pela cidade do Salvador. Em “Maria Ortiz, heroína inesperada”: “O prazer de Maria Ortiz era rolar pela ladeira do Pelourinho dentro de uma ancoretta vazia. Tinha nove anos nessa época” (p. 108), relacionando desde logo a personagem com o feito histórico que lhe é atribuído pelo registro oficial como acontecido naquele logradouro.

Os exemplos se sucedem, tendo lançado mão neste tópico de alguns (poucos) personagens mais conhecidos da história do Espírito Santo. O livro, publicado,

como se disse, em 1998 pelo IHGES, como n. 30 da série editorial “Cadernos de História”, reúne vinte e um textos, retratando vinte e um vultos que viveram no período a que se convencionou chamar de colonial, e pode ser entendido como um panorama das vidas dos habitantes de Vitória e arredores, ao menos como poderiam ter sido.

Deixarei propositalmente em aberto a questão do gênero literário das *Crônicas da insólita fortuna*. Interessa tão somente chamar atenção para esse entrelaçar, em tese, entre conto e crônica, como apontado pela pesquisadora portuguesa, de que considero o livro de Luiz Guilherme Santos Neves exemplo a ser tido em conta.

Já no que concerne ao interesse mais imediato deste texto, da mesma forma não aprofundando a preocupação com os traços ucrônicos de que se revestem as composições, não deixa de se tratar, esse tipo de construção, de um serviço que presta o ficcionista ao historiador, sugerindo pistas a descobrir e caminhos a percorrer na prospecção de relações entre fatos históricos. Sobre que, é de se indagar – por que não?

História e ficção

Esse emprego de traços históricos, por poucos que sejam, para composição da trama ficcional, ou da argumentação que pretende desfiar nos textos das *Crônicas da insólita fortuna*, é recurso largamente usado por Luiz Guilherme Santos Neves na composição da sua obra ficcional, como se viu. No entanto não se trata, a utilização de assunto relacionado à História do Espírito Santo, simplesmente o manuseio de repositório de temas a serem explorados como matéria-prima de escrita. Há, sem dúvida, de sua parte, certa intencionalidade na difusão de fatos históricos, uns mais outros menos conhecidos, não fosse o autor, como foi, professor da disciplina por longos anos.

Tem-se por corriqueira a demonstração da imbricação entre História e ficção, a origem comum do gênero narrativo escavado nos mitos, narrações ancestrais que misturavam fatos e elaboração mental. A constante mutação que conhecem as formas de abordagem do fenômeno histórico não prescindem – é fato – dos recursos de que lança mão o ficcionista: o trabalho do historiador se externa por meio de uma narração. Daí decorrem os diversos níveis de teorização a respeito, sobre que se debruçam principalmente os historiadores, na tentativa de estabelecer os lineamentos e o modo de agir que rege a ciência de que se ocupam.

Também no campo da Literatura, e vistas as coisas sob o seu prisma próprio, se estabelecem ligações entre os dois campos de escrita. A propósito, e sobre a clássica distinção de Aristóteles, a menção que faz Teresa Cristina Cerdeira da Silva a Hans Robert Jauss, para quem

A divisão clássica entre “res fictae”, como reino da poesia, e “res factae”, como objeto da História, foi ultrapassada, de modo que a ficção poética se alçou ao horizonte da realidade e a realidade histórica ao horizonte da poesia (JAUSS, apud SILVA, 1989, p. 24).

Daí os desenvolvimentos posteriores, inclusive no estabelecimento do romance histórico, que não vêm ao caso aqui.

Miguel Depes Tallon apresenta síntese apropriada para o que aqui se pretende, ao estabelecer que

No entrecruzamento entre História e Ficção, semelhanças e diferenças emergem a cada passo. Entre as semelhanças impõe-se a da interpretação [...]

Entre as diferenças talvez nenhuma se nivele à questão da imaginação (2000, p. 55).

Para mais adiante concluir:

A finalidade da História é tentar passar, criticamente, para o presente o que foi o passado, sem nada lhe adicionar em termos de criação. O seu compromisso é com a verdade. O seu objetivo final é científico. Ora, a Ficção não tem outra finalidade senão a de criar, mesmo que seja uma ilusão da verdade, que nem por isso deixará de ser criação. Daí poque o compromisso da Ficção é com a imaginação, vez que o seu objetivo final é estético (TALLON, 2000, p. 58-59).

Traçadas tais premissas para apreensão da intenção do autor na série de textos tendo como personagem o fantasma do centro histórico de Vitória, é mister que os apresentemos.

O fantasma do centro histórico de Vitória

A série de textos de que nos ocupamos está publicada, conforme já constou, no sítio *Tertúlia* (NUNES, 2005-). Trata-se de sítio dedicado exclusivamente à Literatura produzida no Espírito Santo, trazendo textos, biografias, íntegra de livros e vídeos de entrevistas e assuntos literários em geral.

Quanto ao material em análise, trata-se de textos curtos em que o narrador se presta a interlocutor da aparição, o fantasma. O assunto da vez é exposto e desenvolvido por meio do diálogo entre os dois. A aparição é sempre desagradável, ou no mínimo inconveniente, seja pela sua conduta para com o narrador, com quem se permite liberdades que lhe confere a sua, digamos, condição, seja por flagrá-lo quase sempre num momento impróprio:

Sempre que o vejo na rua eu o evito – o fantasma do centro histórico da cidade. Ou finjo que não o vejo. Ou mudo de caminho. Ou volto sobre os calcanhares. Mas às vezes, para minha tristeza, esbarro nele (ou ele esbarra em mim?) numa trombada súbita, como se brotasse do chão, num passe fantasmagórico (SANTOS NEVES, 2005-a).

O estranhamento vindo do trato de logradouros, tipos humanos e costumes da cidade de Vitória, muitas das vezes já desaparecidos, constitui o centro de interesse das situações criadas e desfiadas pelo autor.

Atendo-nos aos lineamentos traçados por Antonio Candido, percebe-se que nos colóquios com o fantasma ao autor interessa o “fato miúdo”, tratado sempre com um “toque humorístico” que é a tônica da conversação que se estabelece, desenvolvendo-se numa “conversa aparentemente fiada”. A seriedade implícita (se prosseguirmos nos lineamentos traçados por Candido), vem da alusão a fatos da História do Espírito Santo – a razão de ser dos textos.

Como exemplo, visando a demonstrar a tônica da abordagem e o desenvolvimento do estilo, transcreve-se o breve texto “Novamente o fantasma me aborda”, cronologicamente o segundo publicado na coluna:

Não contei antes, conto agora.

Era uma segunda-feira chuvosa e ia eu pelo centro da cidade de guarda-chuva armado. Talvez por causa disso não vi o fantasma se aproximar. Quando dei por ele, já tinha se alojado sob o teto do meu guarda-chuva, passando-me sobre os ombros seu braço sepulcral.

– Vocês, hein!? Nunca pensei que fossem se esquecer! – disse ele sem perder tempo com a miudeza de um bom-dia.

– Esquecer de quê, fantasma?

– De quê? Ainda pergunta? Que dia é hoje, meu digno?

– 28 de janeiro – disse eu.

– Mas de que ano? Diga o ano... Tenha a coragem de dizer o ano!

– Ano 2010 da graça do Nosso Senhor Jesus Cristo...

– Então?

– Então o quê?

– Não disse que vocês tinham se esquecido? Hoje faz cento e cinquenta anos, ouça bem, meu digno, CENTO E CINQUENTA ANOS que sua majestade o imperador D. Pedro II esteve no Espírito Santo e visitou o convento da Penha. No entanto, ninguém lembrou desse acontecimento histórico. Nada saiu na imprensa, nenhuma comemoração foi feita, você não disse nada! E pensar que meu bisavô fez parte da comitiva que subiu até o santuário acompanhando D. Pedro. Subiram pela velha ladeira de pedras escorregadias. A imperatriz também estava com eles, Dona Teresa Cristina. Só que foi de

cadeirinha, carregada pelos escravos. E a volta? Debaixo de um aguaceiro muito mais forte do que este que seu guarda-chuva mal impede que nos molhe, o que pode até me constipar. Você sabe disso tudo, tenho certeza, e ficou caladinho da silva.

– E por que eu tinha de dizer alguma coisa?

– Você não é metido a historiador? Tinha que ter falado, sim. Tinha que ter escrito um artigo nem que fosse uma noticiuzinha para sair no boletim de algum instituto histórico. Entretanto, mergulhou num silêncio imperdoável!

As invectivas do fantasma me deixaram, em princípio, com sentimento de culpa, o que, aliás, sempre acontecia quando ele me abordava. Razões não lhe faltavam para a crítica. Só que não era justo que atribuisse a mim, apenas a mim, e em plena via pública, numa manhã chuvosa de vento irrequieto, a responsabilidade pelo que chamara de silêncio imperdoável.

– E os outros, por que você não cobra também dos outros o que está cobrando a mim? – perguntei irritado. – Não posso carregar nos ombros os pecados do mundo – exagerei em legítima defesa.

– Dos outros eu não sou amigo – foi sua resposta fulminante. – E praticamente não os vejo. Já você, eu o encontro a toda hora no centro da cidade...

Como um segundo fantasma, pensei que ele fosse me gozar. Mas seu senso de humor não ia a tanto.

– Obrigado pela deferência (eu devia ter dito preferência). Estou longe, porém, de ser o tal historiador que você acha que sou. A prova é que não sabia que o seu respeitável bisavô tinha subido ao convento com o imperador...

Ele percebeu minha tentativa de fuga e cortou-me a saída:

– Um mero detalhe, meu digno, que não faz história. Eu propugno pela história que merece ser conhecida e divulgada, tal e qual a observação que o imperador fez do Canal da Costa, que ele contemplou do alto do convento, lembra-se dela? D. Pedro II escreveu no seu caderninho de viagem: "Rio da Costa, que entulha de areia o porto, entre a Penha e o Moreno". É disso que estou falando. De informações importantes. Esta que lembrei tem até certo sentido ecológico. A propósito, este foi o rio que inspirou o padre Antunes de Siqueira a versos magistrais...

– Não me diga que você vai recitá-los aqui na rua? – interrompi o fantasma para evitar que ele detonasse a declamação.

– Claro que vou, meu digno.

E se pôs a recitar em voz cantada, chamando a atenção dos transeuntes que, por não verem o fantasma, supunham que era eu um declamador maluco:

*Da Costa estreito rio serpeando
Beija os campos, que também inunda;
Quando marés e chuvas vão inchando
Há muito peixe, o marisco abunda...*

Antes, porém, que ele me despejasse nos ouvidos a poesia do padre por inteiro a chuva foi inchando sobre nós e um vento forte retorceu meu guarda-chuva de tal forma que nos relegou ao desabrigo. O

fantasma assustou-se com o incidente e bateu em retirada (estaria fugindo a um constipado?), despedindo-se com uma frase que me soou como uma ameaça:

– Apareço outro dia, meu digno (SANTOS NEVES, 2005-b).

Da transcrição percebe-se que o autor colhe de fato histórico conhecido (a presença do Imperador Pedro II no Espírito Santo) um pormenor aparentemente pouco importante (a observação grafada por ele sobre o Rio da Costa, em Vila Velha), para daí relembrar os versos do padre Antunes de Siqueira, autor reconhecido do período imperial. A interrupção da declamação, ante o apertar da chuva que os colhe em cheio por conta do guarda-chuva retorcido pela ventania, encerra de forma quase que jocosa o encontro.

No texto “Tiroteio na Praça do Carmo”, o fantasma narra ao interlocutor o trágico incidente acontecido naquele local a 13 de fevereiro de 1930, durante comício da Aliança Liberal:

Só depois é que se viu que tudo fora premeditadamente armado pelo governo estadual para terminar como terminou, eis o âmago da questão. O comício era da oposição e bastou o último orador da Aliança Liberal, a favor de Getulio Vargas para presidente do país, bradar que o governo era ladrão de votos, para que a fuzilaria começasse. Tiros de um lado, patadas de cavalo do outro sobre a multidão encurralada. Foi um Deus nos acuda, um estouro de boiada (SANTOS NEVES, 2005-c).

De permeio com a narração do fato histórico ficamos sabendo também, não sem um toque de indignação da parte do fantasma-narrador, que na correria os senhores todos perderam os chapéus, “catados por desocupados para serem vendidos a vintém, no dia seguinte”.

Já em “O fantasma contra Bernardino Monteiro” a personagem, “jeronimista” dos de arma em punho, desfia sua contrariedade com o legado do referido presidente (governador) do estado:

- Escuta só, meu digno. Bernardino, como presidente do Estado, teve grande responsabilidade na derrubada da matriz histórica de Nossa Senhora da Vitória, para dar lugar à construção da Catedral Metropolitana, uma obra de estilo arquitetônico discutível que parece um paliteiro com as pontas espetadas para cima, na cidade alta. A única coisa que se salva ali são os vitrais, e assim mesmo os antigos, porque os novos, com aquelas cocadinhas azuis e vermelhas atrás do altar-mor, são de extremo mau gosto, destoando agressivamente dos demais. Vá lá e verifique. A demolição da matriz foi um atentado inominável ao nosso passado colonial. Eu a classifico como dano histórico.

Resolvi bancar o advogado da História e contestei:

- Você está se esquecendo, meu caro amigo, que quem determinou a demolição da igreja foi o bispo Dom Benedito Alves de Souza, numa decisão estritamente eclesial.

A réplica do fantasma foi imediata:

- O argumento é troncho! Dom Benedito era um paulista sem ligações com as tradições do Espírito Santo. Devia ter sido impedido por Bernardino. Como presidente do Estado, Bernardino tinha a obrigação moral, veja bem, *mo-ral*, de se opor à demolição. Autoridade não lhe faltava para tanto. Mas nem sequer levantou o mindinho anelado para impedi-la. Dobrou-se à vontade do bispo, tornando-se cúmplice de um imperdoável achaque à nossa história, eis o âmagô da questão! Eu tenho para mim, meu digno, que a Dom Benedito ofendia a visão diária da modesta e sóbria igreja matriz de Nossa Senhora da Vitória, que ele via do palácio episcopal. Lembra-se do palácio? Era um sobrado sorumbático, de janelões sinistramente fechados que davam para a matriz, na atual rua José Marcelino. Ficava no lugar em que se construiu um edifício residencial...

- O Belatrix, obra da CIEC – disse eu, que tinha a informação que o fantasma ignorava.

Ele pareceu não me ouvir: - Bota também a derrubada da segunda torre da igreja de Santiago, atual palácio Anchieta, na conta dos danos históricos da responsabilidade de Bernardino.

- Calma lá, meu caro! Quem a derrubou foi Nestor Gomes, que sucedeu a Bernardino no governo do Estado... – aparteei-o com firmeza para corrigir o grosseiro desvio de responsabilidade histórica que estava cometendo.

- Eu sei que a responsabilidade direta foi de Nestor. Mas a indireta foi de Bernardino, que garantiu a posse de Nestor no governo do Estado, você se esqueceu?

E sem que eu pudesse retrucar, o fantasma prosseguiu em seu derrame verborrágico: - Uma posse desastrosa, sob tiroio. Sabe por quê? Porque ao apoiar Nestor, Bernardino criou uma cisão incontornável com Jerônimo Monteiro. Logo com o admirável Jerônimo Monteiro, que era irmão dele, mas contrário a Nestor. O conflito provocou o rompimento político entre os dois irmãos, e naquele momento só não se transformou numa sangrenta tragédia shakespeariana graças ao comedimento do próprio Jerônimo, que conteve a ação dos seus partidários com uma frase que até hoje não esqueço, porque eu estava lá, de carabina em punho, e a ouvi com todas as sílabas: 'lembrem-se de que quem está

em palácio é meu irmão!’ Graças à intervenção de Jerônimo o sangue não maculou a escadaria do palácio! Estou recordando esses fatos, para você ver que, se não fosse Bernardino, a torre da igreja de Santiago ainda estaria de pé, embora o responsável direto pela derrubada tenha sido Nestor Gomes (SANTOS NEVES, 2005-d).

Temos aí a exposição de fatos históricos – a reformulação por que passou a Cidade Alta no início do século XX, em que o perfil arquitetônico “colonial” foi substituído por outro, julgado mais apropriado aos tempos positivistas, a disputa pelo poder que envolveu os irmãos Souza Monteiro, Bernardino e Jerônimo – narrados em termos “rabugentos” pela personagem, característica de sua personalidade.

Não há dúvida de que, passada ao leitor dessa maneira, a História do Espírito Santo se torna no mínimo mais palatável. Ao que se vê desses poucos exemplos, o fato histórico é transmitido mediante recursos que incluem a ironia, a linguagem quase rebuscada (a denotar antiguidade), e tiradas irreverentes da parte de ambos, narrador e interlocutor, de modo a imprimir leveza à narração. O recurso à imaginação é patente, por exemplo da construção das situações em que se dão os encontros, mas a informação histórica é precisa, restando clara a dicotomia entre os campos histórico e ficcional e a forma de elaborá-los.

A querer nos alongar, os exemplos pinçados dos textos se sucederiam. Em maio de 2021, data em que encerro este trabalho, a coluna “A certos respeitos”, de Luiz Guilherme Santos Neves, conta quarenta e um textos publicados sobre o fantasma do centro histórico de Vitória.

Nascido em Vitória, em 1933, Luiz Guilherme Santos Neves é sem dúvida um dos maiores ficcionistas do Espírito Santo. Sua obra ficcional, externada em romances, novelas, contos e mesmo crônicas, encontra-se acessível ao público leitor por meio de republicações e da veiculação de textos pela internet.

Integrando um grupo literário que trabalhou tematicamente o Espírito Santo, Luiz Guilherme Santos Neves construiu uma das vertentes da sua obra com base em fatos da História local. Longe de se tratar de seleção desinteressada de temas a trabalhar, percebe-se de seu projeto literário a preocupação com o trato do tema, de que se ocupou profissionalmente ao longo de vinte e seis anos de carreira docente.

Os textos sobre o fantasma do centro histórico de Vitória, publicados na internet e por isso amplamente acessíveis ao público, constituem, portanto, uma interseção entre as vertentes principais da sua escrita, a histórica e a fantástica. Neste sentido representam uma espécie de síntese de sua elaboração ficcional.

Ademais, como de resto em grande parte da sua obra de ficção, esses textos se prestam também à divulgação, de maneira leve, de assuntos referentes à História do Espírito Santo. Esta divulgação, sem dúvida, constitui intenção subjacente ao projeto a que, na companhia de outros autores capixabas, companheiros de geração e de vida, se dedicou na elaboração da sua obra literária e que agora, através dessa série de escritos, vem arrematar.

Referências:

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: PARA GOSTAR de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99.

NEVES, Getúlio Marcos Pereira. *Breves notas quase-literárias*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2019.

NEVES, Getúlio Marcos Pereira. Que é da literatura capixaba? In: BONINO, João et al. *Na Livraria*: diversa caligrafia. Vitória: Logos, 2015. p. 153-160.

NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia*: livros e autores do Espírito Santo. Vitória, 2005-. Disponível em: <<http://www.tertuliacapixaba.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2021.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Contos de um capixaba espelhados na arte narrativa de Rubén Dario e Jorge Luiz Borges. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/contos_de_um_capixaba_espelhados_na_arte_narrativa_de_ruben_dario_e_%20jorge_luiz_borges.html>.

Acesso em: 5 maio 2021.

RITA, Annabela. Crónica. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2018-. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/crônica/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. *A nau decapitada*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. O fantasma do centro histórico de Vitória. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-a. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/coluna_a_certos_respeitos/18_o_fantasma_do_centro_historico_de_vitoria.html>. Acesso em: 20 maio de 2021.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. O fantasma do centro histórico de Vitória. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-b. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/coluna_a_certos_respeitos/20_novamente_o_fantasma_me_aborda.html>. Acesso em: 20 maio de 2021.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. O fantasma do centro histórico de Vitória. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-c. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/coluna_a_certos_respeitos/68_tiroteio_na_praca_do_carmo.html>. Acesso em: 20 maio de 2021.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. O fantasma do centro histórico de Vitória. In: NUNES, Pedro J. (Org.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Vitória, 2005-d. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/coluna_a_certos_respeitos/97_o_fantasma_contra_bernardino_monteiro.html>. Acesso em: 20 maio de 2021.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. *Torre do delírio*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. *Crônicas da insólita fortuna*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

SODRÉ, Paulo Roberto. Crônicas de Sérgio Blank. *Fernão*, Vitória, ano 2, n. 4, p. 36-52, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/1169>>. Acesso em: 30 maio 2021.

TALLON, Miguel Depes. *História e ficção em Renato Pacheco*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000.

RESUMO: A série de textos *O fantasma do centro histórico de Vitória* integra a produção mais atual de Luiz Guilherme Santos Neves. Publicados no sítio eletrônico *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*, narram os encontros do narrador com o espectro, habitante de Vitória em tempos antigos, como pretexto para conversas sobre temas históricos da cidade. Apoiado em especial nos estudos de Antonio Candido, Annabela Rita e Miguel Depes Tallon, procura-se situar a série no conjunto da obra do autor, percorrendo-a brevemente e concluindo constituir-se numa síntese das vertentes principais em que se divide a sua produção ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura – Espírito Santo. Luiz Guilherme Santos Neves – *O fantasma do centro histórico de Vitória*. Vitória – Tema literário. Fantasma do Centro Histórico – Personagem literário.

ABSTRACT: This series of texts about the ghost of the historical city center of Vitória are the latest work of Luiz Guilherme Santos Neves. Published in the *Tertúlia capixaba* web outlet, the works narrate these supernatural meetings/encounters with the spectre, an inhabitant of the Vitória of past times, as a pretext for dialogues of historical nature regarding the city. The goal is to place this series' motifs among the author's list of works, briefly analyzing and concluding it is a synthesis of the main approaches characteristic of the author's fictional production.

KEYWORDS: Literature – Espírito Santo. Luiz Guilherme Santos Neves – *O fantasma do centro histórico de Vitória*. Vitória – Literary Theme. Ghost of the historical city center – Literary Character.

Recebido em: 31 de maio de 2021.
Aprovado em: 1º de junho de 2021.